

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

TERRITÓRIO EM DISPUTA: AMBIÊNCIA URBANA E EMPATIA ESPACIAL COMO RESISTÊNCIA NO BIXIGA, SÃO PAULO-SP

SILVA, Leandro C.¹, GALLO, Douglas²

¹ Graduando em Licenciatura em Geografia, IFSP, Campus São Paulo, ex-bolsista PIBIC-AF-CNPq, leandro.cabral@aluno.ifsp.edu.br.

² Professor Doutor, IFSP, Campus São Paulo, líder do grupo de pesquisa “oby – laboratório cidade paisagem, douglas.luciano@ifsp.edu.br.

Sessão Temática: 1 – Memória, identidade e (re)existência

RESUMO: O presente trabalho insere-se numa perspectiva de valorização dos aspectos humanos e subjetivos responsáveis pela criação do sentido urbano para indivíduos e grupos. Objetiva-se refletir sobre como os signos culturalmente construídos, expressos na ambiência urbana e na empatia espacial, podem atuar como formas de enfrentamento à lógica hegemônica neoliberal. Para isso foram identificados os signos emergentes no tradicional bairro do Bixiga, São Paulo, que traduzem a relação do habitante com seu espaço, que é culturalmente construído (ambiência). O trabalho norteia-se metodologicamente pela Geosemiótica, que vincula a compreensão da paisagem urbana às suas qualidades físicas, históricas e culturais. O desenvolvimento da pesquisa permitiu considerar o Bixiga enquanto um bairro que possui Empatia Espacial, visto a coprodução geográfica do território pelos seus habitantes, que superam a lógica inorgânica e homogênea imposta a eles.

PALAVRAS-CHAVE: direito à cidade; empatia urbana; cidade humana; geosemiótica; territórios heterogêneos.

DISPUTED TERRITORY: URBAN ENVIRONMENTAL AND SPATIAL EMPATHY AS RESISTENCE IN BIXIGA, SÃO PAULO-SP

ABSTRACT: *This study is part of a perspective that values the human and subjective aspects responsible for creating urban meaning for individuals and groups. The objective is to reflect on how culturally constructed signs, expressed in the urban environment and spatial empathy, can act as ways of confronting the hegemonic neoliberal logic. To this end, emerging signs were identified in the traditional neighborhood of Bixiga, São Paulo, which reflect the relationship between residents and their culturally constructed space (environment). The study is methodologically guided by geosemiotics, which links the understanding of the urban landscape to its physical, historical, and cultural qualities. The development of the research allowed us to consider Bixiga as a neighborhood that possesses Spatial Empathy, given the geographical co-production of the territory by its inhabitants, who overcome the inorganic and homogeneous logic imposed on them.*

KEYWORDS: *right to the city; urban empathy; human city; geosemiotics; heterogeneous territories.*

INTRODUÇÃO

O bairro do Bixiga, localizado na zona central de São Paulo, constitui um dos territórios mais emblemáticos da cidade, não apenas pela sua localização estratégica, mas, sobretudo, pela riqueza cultural que o caracteriza. Historicamente marcado pela presença de imigrantes italianos, comunidades afrodescendentes e migrantes nordestinos, o Bixiga consolidou-se como um espaço de convivência plural, cuja produção cultural material e imaterial o tornou símbolo de identidade paulistana (Rolnik, 2015).

No entanto, nas últimas décadas, o bairro tem sido alvo de intensas pressões do urbanismo neoliberal, associado à financeirização da cidade e à expansão do mercado imobiliário (Harvey, 2008; Vainer, 2013). Esse processo de mercantilização do espaço urbano tende a homogeneizar a paisagem, expulsar populações historicamente enraizadas e apagar marcas culturais, substituindo-as por empreendimentos voltados às elites e à lógica de valorização fundiária.

Diante desse contexto, o presente trabalho busca refletir sobre como os signos culturalmente construídos, expressos na ambiência urbana e na empatia espacial (Tuan, 2013; Duarte *et al.*, 2015), podem atuar como formas de enfrentamento à lógica hegemônica neoliberal. Em outras palavras, como a memória, a afetividade e a legitimação de modos de viver afro-brasileiros, nordestinos e italianos podem tensionar as forças de mercantilização e produzir uma resistência cultural no território.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida utilizou-se da Geosemiótica (Castañeda, 2021) como perspectiva teórica que especializa os signos urbanos através da atividade social do habitante. Foram analisadas três esferas presentes na cidade: a topo-semiótica, que diz respeito às formas arquitetônicas profundas, estabelecidas há tempos no território; a estético-semiótica, que trata dos elementos plásticos presentes no território e sua intervenção no objeto arquitetônico; e, a sócio-semiótica, que trata da espacialização da atividade social que se manifesta nos percursos, festas tradicionais e pontos de encontro.

Quanto ao quadro conceitual foram utilizados: ambiência urbana, correspondente ao lugar urbano e suas qualidades físicas (como som, textura, cheiro e brilho) e qualidades emocionais e culturais oriundas da relação do indivíduo com o lugar; empatia espacial, conceito interdisciplinar que diz respeito ao processo de vinculação, emocional e simbólica, com o espaço, permitindo que ao entrar em sintonia espaço e indivíduo sejam co-produtores dos significados espaciais e alcance a alteridade deste lugar.

Como procedimentos metodológicos foram desenvolvidas: visitas de campo e caminhadas etnográficas; análises espaciais com auxílio de Sistema de Informação Geográfica (SIG). Desta forma foi possível compreender as dinâmicas internas ao bairro, formas de apropriação e atributos físicos e sociais do território. As visitas foram realizadas entre novembro de 2023 e junho de 2024 nos períodos da manhã e da tarde, em dias aleatórios da semana, buscando-se captar a fruição do bairro através das caminhadas, que permitiram a tomada de fotografias e anotações *in loco*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da década de 1990, São Paulo intensificou processos de reestruturação urbana baseados no paradigma neoliberal, caracterizado pela articulação entre Estado e mercado para a promoção da cidade como mercadoria (Rolnik, 2015). Esse modelo encontra expressão em políticas de “revitalização” e “requalificação urbana”, que frequentemente se convertem em instrumentos de gentrificação.

No Bixiga, essa pressão é visível em múltiplas escalas. Por um lado, incorporadoras buscam implantar torres residenciais e comerciais de alto padrão, desconsiderando a escala do bairro e suas

práticas socioculturais. Por outro, políticas urbanas promovem a valorização do solo urbano central, o que eleva aluguéis e pressiona a permanência de moradores tradicionais, sobretudo famílias de baixa renda, migrantes nordestinos e descendentes de comunidades afro-brasileiras (Frúgoli Jr., 2000).

Segundo David Harvey (2008), esse processo deve ser entendido como acumulação por despossessão, na qual o espaço urbano é transformado em ativo financeiro. O Bixiga, nesse sentido, converte-se em território de disputa entre um urbanismo voltado ao capital e a permanência de culturas que conferem singularidade à cidade. Ao mesmo tempo em que sofre pressões, o Bixiga mantém práticas sociais e simbólicas que configuram uma ambiência urbana específica. Para Jeudy (2005), a ambiência urbana refere-se às experiências sensoriais, culturais e estéticas que emergem da interação entre corpos e espaços.

No caso do Bixiga, a ambiência se materializa em elementos como:

- as festas populares, como a Festa de Nossa Senhora Achiropita, que mobiliza tanto descendentes de italianos quanto moradores locais;
- os espaços de sociabilidade afro-brasileiros, incluindo rodas de samba e terreiros, que reafirmam a presença negra no bairro;
- os centros culturais nordestinos, que trazem a memória migrante e a prática cotidiana de modos de vida baseados na coletividade e na partilha.

Essas expressões não apenas configuram o bairro como lugar de memória (Nora, 1993), mas também tensionam o projeto homogeneizante do mercado. Reconhecer e valorizar a ambiência urbana é um ato de resistência frente à invisibilização promovida pelo urbanismo neoliberal. Além da ambiência, outro conceito central é o de empatia espacial. Yi-Fu Tuan (2013) sugere que o apego ao lugar emerge da experiência corporal e emocional dos sujeitos com o espaço, constituindo aquilo que ele chama de toponímia. Duarte *et al.* (2015) ampliam essa perspectiva ao defender que o espaço é uma construção relacional, continuamente produzido pelas interações humanas.

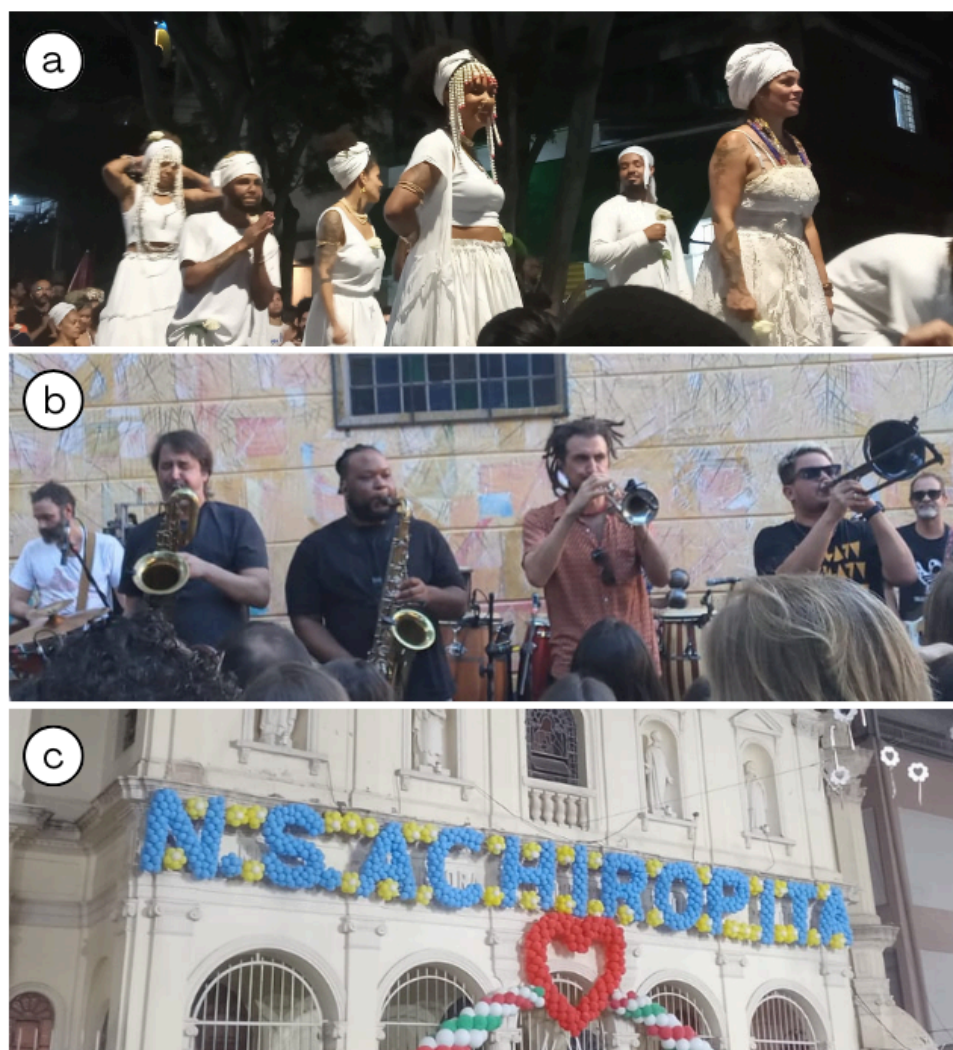
No Bixiga, a empatia espacial se manifesta no reconhecimento coletivo da legitimidade de modos de viver afro, nordestino e italiano. Essas identidades, ainda que distintas, compartilham a experiência de resistência frente à marginalização e à tentativa de apagamento. Assim, a empatia espacial se converte em instrumento político, capaz de unir diferentes grupos na defesa de um território plural.

Reconhecer a legitimidade desses modos de viver significa afirmar o direito à cidade em sua dimensão substantiva, e não apenas formal (Lefebvre, 2001). O enfrentamento às forças do urbanismo neoliberal no Bixiga pode ser compreendido, portanto, como uma forma de urbanismo insurgente. Isso porque se apoia em práticas cotidianas e culturais que escapam ao controle do mercado e do Estado, produzindo territorialidades alternativas.

Movimentos sociais e coletivos culturais do bairro têm atuado na defesa do patrimônio histórico e imaterial, reivindicando não apenas a preservação arquitetônica, mas a proteção dos modos de vida que dão sentido ao território (Figura 1). Essa luta articula memória, afetividade e política, criando um repertório de resistência que desafia a hegemonia neoliberal.

A Empatia Espacial e a Ambiência Urbana, tomadas em conjunto para o estudo, revelaram que o Bixiga é um bairro cujo espaço tem qualidades empáticas, demonstrando a capacidade desses instrumentais teóricos para a captura daquilo que essencialmente constitui as cidades, que é seu sentido (sua orientação) socialmente construído e compartilhado ao longo das dinâmicas cotidianas. A gentrificação e projetos urbanísticos tradicionais, que buscam erigir realidades hiper-projetadas, negligenciam a autêntica dinâmica social que verdadeiramente produz a cidade. É na rua onde a diversidade, o encontro com o desconhecido e a multiplicidade de usos se efetivam (Magnani, 2003), e não em grandes projetos imobiliários impostos verticalmente à população.

Figura 1. Elementos da dimensão sócio-semiótica do Bixiga, São Paulo: A) Lavagem da Escadaria; B) Escadaria do Jazz, e C) Decoração da festa de Nossa Senhora de Achiropita.



Fonte: Acervo pessoal, 2024

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso do Bixiga evidencia como o urbanismo neoliberal e o mercado imobiliário impõem pressões contínuas sobre territórios culturais, ameaçando a diversidade e a pluralidade urbana em nome da homogeneização mercantil. Contudo, o bairro também mostra que a cidade não é apenas produto do capital, mas também de práticas sociais, culturais e afetivas que resistem ao apagamento.

As noções de ambiência urbana e empatia espacial oferecem ferramentas potentes para compreender e fortalecer essas resistências. Ao valorizar signos culturalmente construídos, como festas populares, rodas de samba, práticas religiosas e modos de vida cotidianos, é possível tensionar a lógica de mercantilização e reafirmar a legitimidade de identidades afro, nordestinas e italianas.

Assim, o Bixiga emerge não apenas como espaço em disputa, mas como laboratório urbano de insurgência cultural, no qual se materializam novas possibilidades de cidade, baseadas no direito à memória, na diversidade e na justiça espacial.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao CNPq e ao IFSP pelo apoio concedido por meio de bolsa institucional de iniciação científica, fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Estendem também o

reconhecimento ao grupo de pesquisa oby – laboratório cidade paisagem, cuja colaboração, trocas e aprendizados foram essenciais para a consolidação desta experiência acadêmica.

REFERÊNCIAS

CASTAÑEDA, J. H. A. **Empatías urbanas y Geosemiótica**: el sistema geográfico de los signos urbanos. Bogotá: Ediciones Unisalle, 2021.

DUARTE, C. R. S.; PINHEIRO, E.; UGLIONE, P.; LIRA, E.; THOMAS, B.; GUERRA, J. Uma ambiência urbana à luz do conceito de Empatia Espacial”: a Pedra do Sal, no Rio de Janeiro. In: Congresso Internacional de Espaços Públicos, 1º, Porto Alegre, 2015. **Anais [...]** EDPUCRS, v. 1. 2015.

FRÚGOLI JR., H. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez, 2000.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNANI, J. G. C. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana**, v. 1, n. 0, 2003.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

ROLNIK, R. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

VAINER, C. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2013.